

Extroversão econômica



Econ -

Brasil

LAERTE SETÚBAL FILHO

• 3 MAI 1985

"Essa vaia faz parte. Sem vaia isso não presta." Governador Newton Cardoso

Os últimos movimentos grevistas, a proposta dos senhores para aumentar seus próprios salários, o agravamento da distribuição de renda regional e de classes e muitos outros fatos isolados, amparados pela incapacidade do Governo de impor medidas drásticas para cortar o déficit público, estão tirando o gás do balão de ensaio da correção de rumos do Plano Verão.

Acentua-se, contra o desejo da sociedade, sem que muitos se apercebam, um estado de espírito que beira as raias da letargia, do abandono, abalando a crença de que esse ciclo de dificuldades possa ser contornado. Agrava-se o momento histórico brasileiro que todos esperavam fosse de euforia advinda das ondas finais da transição para consagrar uma democracia perene. As incertezas que represaram os investimentos produtivos e cuja consequência severa desaguou no crescimento negativo do PIB, ano passado (0,3%), puxaram o desempenho da economia para patamares bastante aquém das fronteiras do desenvolvimento sustentado. Retrocemos após os bons resultados que suportaram, na década de 70, incrementos anuais médios de 8,6%.

No futuro, a máquina do tempo mostrará que emolduramos, no correr dos anos 80, quando todos os povos se preparam para um movimento célebre de avanços e conquistas econômicas, uma década perdida. Coroada com resultados extremamente perversos quando nos aproximamos dos anos 90, com os investimentos caíndo para apenas 17,51% do PIB, inferior aos já baixos índices de 87 (18,27%) e 86 (19%), segundo estimativas do IBGE. Eclipse sobre o fugaz brilho dos anos 70 em que o País sustentou taxas médias de investimento superiores a 20% ao ano.

O sentimento de frustração induz a sociedade à vontade da vaia coletiva aos dirigentes e líderes do momento nacional, tal qual a absorvida

com naturalidade, na Ouro Preto da Inconfidência, pelo Governador mineiro.

A constatação da realidade, longe de engrossar o cordão dos apóstolos do caos, impõe-nos um esforço redobrado para remover os obstáculos políticos, emergir do marasmo e da desesperança e restabelecer condições para que a nau Brasil, superando a tormenta do ano eleitoral, retome sua reta de crescimento para desfrutar a era de progresso que está acenando para a maior parte das nações. Nesse contexto, por mais competente que seja o Presidente da República a ser empossado em março de 89, é preciso reconhecer que o País só será empurrado pela força dos segmentos da sociedade, livre das amarras da tecnocracia e da interferência do Estado. O primeiro passo é recolocar o Brasil no cenário internacional.

Todas as vertentes da retomada do desenvolvimento brasileiro passam, necessariamente, por sua maior integração à economia mundial. Sabemos que o crescimento de nossa participação no intercâmbio de mercadorias, bens e serviços acabará por desalojar alguns concorrentes de mercados até agora cativos. A recíproca começa a ser conhecida, manchando a imagem brasileira no exterior. Antes, eram barreiras tarifárias e não-tarifárias. Hoje, a falta de consciência ecológica que não preserva a Amazônia como fábrica gratuita de oxigênio para a Humanidade. Amanhã os motivos serão outros, mas, sem qualquer dúvida, jamais deixarão de existir ou de serem criados.

Esse movimento que conduz o Mundo para uma década de prosperidade, principalmente os países que se prepararam expandindo seus investimentos industriais e incorporando tecnologias, implica em necessidades de mudanças políticas profundas na ação governamental interna.

Já se comprovou que nenhum país pode viver isolado. Tanto o socialismo (China, URSS, Polônia, Hungria,

quanto o capitalismo (Mercado Comum Europeu unificado de 92, países asiáticos do Pacífico, Estados Unidos e Canadá) se integram e cavalgam, de forma inteligente, a consciência prática de um Mundo efetivamente sem fronteiras e cada vez mais interdependente em todos os campos, do político ao econômico.

O próximo Governo terá que reintegrar o Brasil nesse mundo moderno, recompondo a imagem do País e equacionando as questões da dívida externa, da ecologia, do comércio em geral e com os Estados Unidos, em particular — onde é maior o contencioso —, e negociar habilmente no âmbito do Gatt. Na promoção do alinhamento brasileiro com a marcha da prosperidade mundial da década de 90, ganha força a ação do Itamaraty na prática de uma diplomacia de resultados, como a que se iniciou na Nova República implementada pelo seu primeiro chanceler, Olavo Setúbal. O timoneiro experiente dessa nova investida brasileira terá que ser a encarnação da própria descrição das funções de diplomacia: "alto funcionário permanente do Estado Moderno". A tradicional arte dos punhos de renda para a qual tanto contribuiu o estadista e negociador José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, engloba, prioritariamente, a ciência da condução dos negócios na interação com o Mundo sem fronteiras.

Esperamos vencer a tormenta e retomar os caminhos iniciais da Nova República, onde Tancredo Neves já perscrutava os horizontes para a última década do milênio. Por isso foi claro em seu pronunciamento na Organização dos Estados Americanos, em fevereiro de 1985: "Existe uma vinculação clara entre o estabelecimento de sistemas políticos democráticos em nível nacional e a democratização da vida internacional. Em ambos os contextos, o caminho só pode ser o do diálogo e o da participação de todos."

Laerte Setúbal Filho é membro dos Conselhos de Comércio Exterior da Fiesp e da Associação Brasileira de Comércio Exterior e Presidente da Cofap Trading S.A.